

O acervo documental do inventário da lida campeira sob o olhar do desenho

The documentary collection of the inventory of rural the countryside from the perspective of drawing

Flávia Maria Silva Rieth

Universidade Federal de Pelotas

Pelotas, RS, Brasil.

riethuf@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-7306-509x>

Recebido em: 28 de junho de 2023

Aceito em: 16 de agosto de 2023

Resumo

Este artigo apresenta a reflexão sobre desenhar o acervo da pesquisa do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) da lida campeira nas regiões de Bagé e do Alto Camaquã/RS como uma ação de restituição para com os detentores dos saberes e fazeres pecuários. Atenta-se para o processo de aprendizagem da linguagem visual por parte da antropóloga para pensar a característica híbrida – de transposição das linguagens escrita, sonora e imagética – do conhecimento etnográfico em relação com a alteridade. Processo artesanal em que o tempo e a criatividade operam de forma a buscar a resolução dos problemas sobre o que e como desenhar os modos de vida na pecuária na pampa brasileira, a partir do olhar o acervo do Inventário, artefato da imaginação científica que visa a documentar e produzir conhecimento do registro da lida campeira como patrimônio imaterial brasileiro.

Palavras-Chave: Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Lida Campeira. Acervo. Desenho. Etnografia.

Abstract

This paper reflects on drawing the INRC research collection of rural activities in the regions of Bagé and Alto Camaquã/RS as an act of restitution to/with the knowledge holders and livestock practices. There is attention to the anthropologist's learning process of visual language to think about the hybrid characteristic - of transposition of written, sound, and imagery languages – of ethnographic knowledge concerning otherness. Handmade process in which time and creativity operate to seek to solve problems about what and how to draw a way of life in livestock in the Brazilian pampa from the perspective of the inventory collection, an artifact of the scientific imagination that aims to document and produce knowledge of the registration of the rural activities as Brazilian intangible heritage.

Keywords: INRC. Rural Activities. Collection. Drawing. Ethnography.

Introdução

“Ver e olhar configuram campos de significação distintos. Um conota espontaneidade ou passividade, como no espelho, o outro remete à atividade, à espessura do sujeito (mesmo quando se fala de um ‘olhar vago’). Ou ainda: ver supõe um mundo pleno, enquanto o olhar se enreda no descontínuo. O olhar procura, fixa, escava, é a visão feita imaginação”.

(O Olhar dos Viajantes [Do Etnólogo]. Sérgio Cardoso. 1988.)

Busco olhar para o Inventário de Referências Culturais (INRC): Lida Campeira nas Regiões de Bagé e do Alto Camaquã com o objetivo de desenhar uma pampa pluriversa por intermédio do acervo documental da pesquisa, atentando para as múltiplas relações entre humanos, animais, coisas e ambientes. O Inventário e o Registro do Patrimônio Imaterial constituem-se como instrumentos de pesquisa e ação de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial brasileiro, política pública instituída pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) /Ministério da Cultura, no ano de 2000. Seu objetivo é identificar, documentar, produzir conhecimento e salvaguardar as referências culturais dos diferentes grupos sociais que constituem a nação brasileira. Tais referências culturais carregam como um valor a pluralidade dessas manifestações culturais (Freire, 2005), de caráter dinâmico e processual, em que o reconhecimento do Estado visa à “garantia de viabilidade de práticas sociais vivas e mutáveis” (Arantes, 2008: 180), promovendo iniciativas de diversos grupos sociais na reinvenção de modos de vida protagonizada pelos detentores, em ressonância com os valores, com a memória e com a identidade do grupo

Pensar as culturas como patrimônio, conforme Arantes (2008), trata-se de contextualizar as práticas e os saberes pertencentes “a modos de vida que constituem o presente histórico” dos sujeitos. Manifestações culturais que estão vinculadas às experiências concretas, as vivências que atuam nos processos de formação de subjetividades dos sujeitos e dos coletivos, bem como, as realidades sociais, pois são indissociáveis das condições de produção material e simbólica que as contextualiza, em que a produção e a transmissão dessas práticas sociais acompanham os processos históricos.

No caso do INRC da Lida Campeira nas Regiões de Bagé e do Alto Camaquã, o Inventário foi desenvolvido em duas fases que abarcaram a singularidade desses dois sítios, considerando a narrativa dos interlocutores sobre as diferenças do campeirar em ambientes de campos lisos e de campos dobrados, respectivamente. A lida campeira

está associada às vivências de campeiros – peões, artesãos, proprietários de pequenas, médias e grandes estabelecimentos rurais, quilombolas, populações indígenas – detentores de saberes e fazeres pecuários, que correspondem às atividades do pastoreio (de bovinos, ovinos, caprinos e equinos), doma, esquila, ofício do guasqueiro, ofício do alambrador, tropeada, artesanato em lã e lida caseira. A primeira fase da pesquisa teve início em 2010, pela parceria institucional entre a Prefeitura de Bagé, a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) por intermédio dos cursos de Bacharelado e Pós-Graduação em Antropologia e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); a ampliação da pesquisa para a região do Alto Camaquã ocorreu em 2017, e teve como proponente a Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Região do Alto Camaquã (ADAC). A documentação produzida pela pesquisa foi aprovada em março de 2022 pelo Conselho Consultivo do IPHAN, etapa que antecede o registro desse bem cultural.

O Inventário da Lida Campeira, inscrito na UFPEL, encontra-se em fase de restituição para os interlocutores, e obteve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), no ano de 2021, visando a ações de divulgação e debate sobre a salvaguarda dos saberes e fazeres que integram a lida campeira. Ao mesmo tempo, ganha relevância a reflexão desse processo de pesquisa considerando o acervo constituído pelas teses, dissertações, Trabalhos de Conclusão de Curso, capítulos de livros, trabalhos publicados em eventos, artigos, textos em revistas, apresentações, exposições e ensaios fotográficos e relatórios técnicos que operam na construção da cultura como patrimônio.

Esse acervo digital, criado em 2016, encontra-se acessível na Internet, no blog wp.ufpel.edu.br/lidacampeira/, como uma ação de restituição da pesquisa aos grupos sociais envolvidos. A abertura do conjunto de dados sobre a lida campeira nas regiões de Bagé e do Alto Camaquã busca promover a acessibilidade e a transparência da pesquisa em razão dos pressupostos da alteridade (Bispo, 2022), em prolongamento do compromisso ético com os interlocutores do Inventário. A acessibilidade e a transparência nesse processo de pesquisa constituem-se compromissos relevantes, uma vez que o INRC, como política pública, busca identificar, documentar e produzir conhecimento sobre a diversidade do patrimônio cultural brasileiro, embasando ações de salvaguarda protagonizadas pelos detentores, cuja promoção de viabilidade das manifestações culturais de caráter imaterial é compromisso do Estado.

Ainda, a publicação desse acervo digital amplia a replicação do conhecimento produzido para outros grupos de interesse, potencializa a constituição de rede de pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento, bem como busca atingir um público mais amplo. Nesse sentido, propõe-se a reflexão do Inventário da Lida Campeira sob o olhar do desenho, a partir do acervo da pesquisa, e a revisita das produções escritas e imagéticas em conformidade com a metodologia do Inventário para produzir conhecimento etnográfico. Essa proposição de Pós-Doutorado está construída pela parceria entre o Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) e o Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV), do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS), sob tutoria das professoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, objetivando uma aproximação com as linguagens visuais, contemplando a aprendizagem da técnica de desenho ao integrar a formação na prática junto ao atelier da professora e artista plástica Malu Rocha.

Talvez o olhar, conforme Cardoso de Oliveira (2006), seja a primeira experiência do pesquisador em campo. No livro *O Trabalho do Antropólogo*, o autor reflete sobre os atos cognitivos que, disciplinados pela teoria antropológica, constituem o encontro com a alteridade. São eles: o olhar, o ouvir e o escrever lá e aqui – atos cognitivos sensíveis que animam o “ser antropológico” na construção do conhecimento pelo atravessamento espaço-temporal da experiência da observação participante. A proposição de desenhar esse acervo está situada no gabinete, “desenhando aqui”, o desenho apresenta-se como um processo de aprender a olhar, abrindo-se para outros atravessamentos espaço-temporais, considerando a experiência do desenhar o repertório de imagens associado às lidas campeiras.

Olhar e ver constituem-se como ações com significados distintos, conforme Sergio Cardoso (1988: 4):

O Olhar não descansa sobre a paisagem contínua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento. Aqui o olho defronta constantemente com limites, lacunas, divisões e alteridade, conforma-se a um espaço aberto, fragmentado e lacerado.

O olhar pressupõe, no caso, o engajamento da antropóloga em desenhar as imagens fotografadas em campo pela equipe de pesquisa e interlocutores; e refletir sobre a escolha de quais imagens desenhar, bem como sobre a composição do desenho, reveladores de um processo de aprendizagem da linguagem plástica. O trabalho com o

acervo da pesquisa coloca-nos para “olhar de novo” o contexto do Inventário, de forma a evidenciar as relações, as percepções e as lacunas, evocando não só o engajamento vivido em campo, mas também o engajamento necessário posto pela técnica do desenho, dentro de um repertório de imagens da pesquisa que incidem sobre o “tom” da experiência, o estilo do desenho.

Aprender a desenhar desenhando é situar-se nas relações sociais em que o desenho se coloca como parte indivisível das relações entre pessoas, contextos e práticas. Conforme Lave (2015), a aprendizagem ocorre por meio de comunidades de prática, como parte de um processo que constitui a vida social. Nesses termos, penso nos múltiplos engajamentos que se produzem nos diferentes contextos aqui postos em relação: o atelier, o gabinete e o campo, que se reduplicam nos exercícios do desenho. Esses deslocamentos constituem a aprendizagem da técnica no atelier da professora/artista, ensinando a antropóloga a desenhar, a aprimorar o olhar para a gramática de uma outra linguagem que também constitui a etnografia, bem como, no gabinete, “desenhar aqui” os saberes e fazeres dos modos de vida campeiros, prologando o tempo da experiência de campo e, ao mesmo momento, habitar o acervo reunido a partir do INRC da lida campeira, ao desenhá-lo.

Kuschnir (2016), considerando o seu próprio trajeto como desenhadora, reflete sobre o incremento do uso do desenho na etnografia como um processo de renovação da prática antropológica, operando uma virada gráfica, no entanto, ressalva que o desenho é uma “novidade velha” (Azevedo, 2016) na área. A relação entre o desenho e a etnografia, segundo a autora, está vinculada aos valores antimodernizantes, com a reinvenção de ideias românticas na história do pensamento ocidental. Nesse sentido, acompanha Duarte, apud Kuschnir (2016), ao argumentar que os valores de sensibilidade, subjetividade, criatividade, experiência, singularidade e vida tratam de uma aproximação da Antropologia com a Arte, de maneira a buscar manifestar o “pensamento selvagem” (Kuschnir, 2016: 8) abrigado no campo artístico.

Desloco, então, a provocação de Roberto Cardoso de Oliveira sobre o SER da Antropologia situado no tempo e na tradição moderna do pensamento, de maneira a aproximar essa provocação dos valores antimodernizantes. Em “Antropologia e Outras Linguagens”, Rocha e Cervo (2019: 214), buscam compreender a produção antropológica a partir “da prática escriturística da etnografia e o fazer artístico”. Partem da reflexão sobre o uso de diferentes produções imagéticas na composição etnográfica,

tomando-a como prática teórica de caráter híbrido e processual da produção da cultura. Nessa perspectiva, o conhecimento antropológico é parte integrante do trajeto do pensamento antropológico, “relacionando a presença de imaginação criadora na descrição etnográfica” (Durand, apud Rocha e Cervo, 2019). Remetem a Wagner concebendo o saber-fazer antropológico pelo seu caráter relacional, a partir do qual se constitui como criação e invenção de cultura, “e, complementaríamos nós, modelada pela imagem-ação do pensamento do etnógrafo no seu processo de acomodação/assimilação do ambiente cósmico e social durante o seu trabalho de campo” (Rocha e Cervo, 2019: 229).

Os processos de aprender a desenhar, de refletir sobre o uso do desenho na pesquisa encaminham algumas questões tratadas ao olhar o INRC da Lida Campeira pelo desenho, tais como: Além das imagens fotografadas, também as histórias contadas pelos interlocutores podem compor o desenho? E sobre os desenhos ainda não desenhados, o que estas lacunas instabilizam? Como os desenhos que produzo estão conectados com o campo, considerando o estilo de vida campeiro? Como a pesquisadora percebe a pampa ao olhar para o acervo da pesquisa? O que desenhar? Como desenhar os modos de vida pecuários?

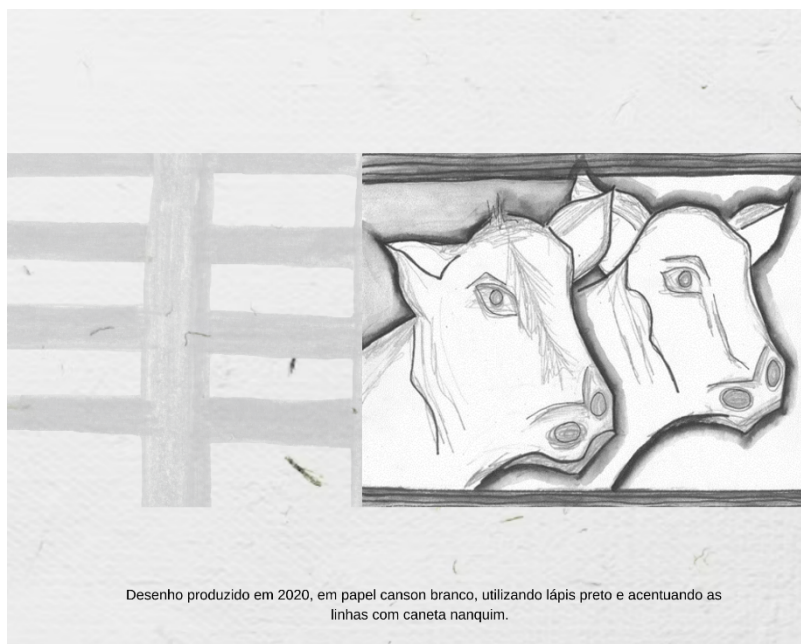
Entre o atelier, o gabinete e o campo

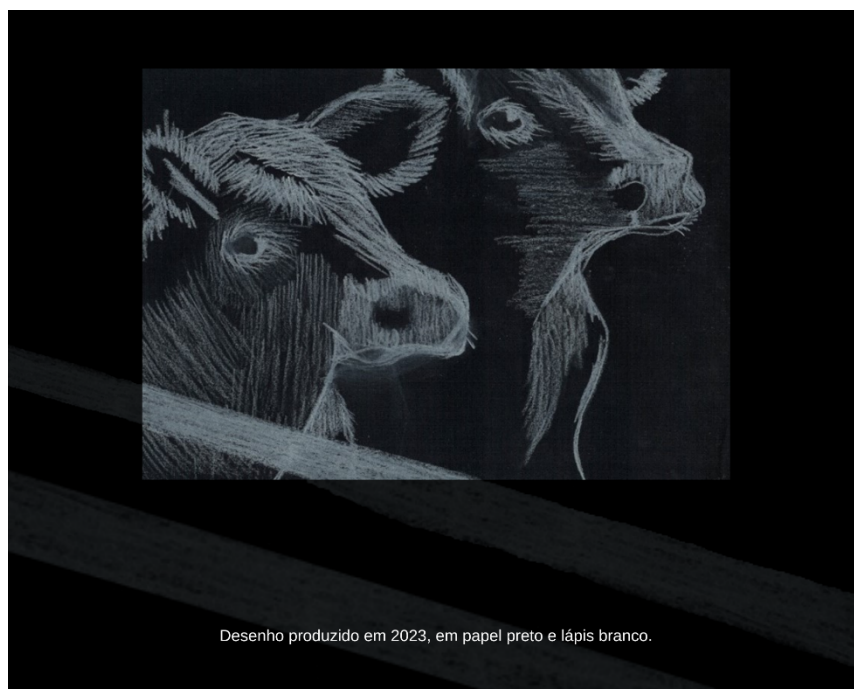
O processo de aprendizagem do olhar requer a experimentação, o olhar de novo para apurar o próprio olhar e redesenhar a imagem fotográfica, testando diferentes possibilidades de representar uma ideia. Aprender a desenhar realiza-se pela repetição da observação sobre o repertório das imagens do acervo da pesquisa, buscando desenhar os modos de vida campeiro, de maneira a evidenciar as relações entre humanos, animais, coisas e ambientes, as quais permitem pensar os processos de domesticação por intermédio das lidas campeiras. Para desenhar não se pode ter medo da experimentação de técnicas e materiais, “o medo estraga o desenho”, conforme a professora e artista plástica Malu Rocha, em um exercício de habitar o desenho e, por conseguinte, sentipensar¹ o acervo da pesquisa.

¹ “Sentipensar” é uma palavra enunciada por pessoas e pescadores afrodescendentes em muitas comunidades ribeirinhas da Colômbia. ‘Sentipensar significa agir com o coração usando a cabeça’, como um pescador do Rio San Jorge, no Caribe colombiano, expressou ao sociólogo Orlando Fals Borda em meados da década de 1980. Esse termo foi popularizado por Eduardo Galeano e, utilizado posteriormente por Arturo Escobar, conforme verbete Sentipensar de Gómez, 2021, p. 510-513.

Aqui, remeto a Tim Ingold, em *La Creatividad que se Experiencia* (2016). Nesse texto, o autor afirma que a ação criativa está aberta para a vida, em constante formação, guiada entre os encontros entre pessoas e coisas. A criatividade e o tempo, nessa perspectiva, confluem ao revisitar a mesma ideia, e consistem em atualizá-la em um mundo incipiente, em movimento, que guia para o desconhecido.

Os exercícios possibilitam evocar a experiência etnográfica e assim habitar o acervo documental da pesquisa guiada pela utilização e possibilidades dos materiais e técnicas. Experimento desenhar com lápis preto, percebendo outras maneiras de segurar o lápis; diferente das posições da escrita, é colocar a atenção na intensidade e na amplitude do gesto, é perceber a força e a leveza da mão ao traçar a linha. Experimentar desenhar na mesa, sentada, ou no cavalete, em pé, para “soltar a linha”. Trabalhar a linha ou a mancha conforme “pede” a imagem e, por isso, ampliar a fotografia no preto e branco para acentuar o contraste, não tendo medo de trabalhar a mancha. Ou ainda, desenhar com lápis branco em papel preto para “buscar o branco e os meios tons”. Fazer a experiência de buscar o claro utilizando a borracha. Olhar os efeitos das diferentes técnicas e materiais e “dar tratamento diverso e criativo aos diferentes detalhes da fotografia”. Ou então, fotografar os próprios desenhos, diversificando os dispositivos para “olhar melhor”, e fazer aparecer os detalhes na composição, considerando os valores da linguagem plástica.





Por intermédio do desenho, com a repetição da observação e atualização do repertório das imagens fotográficas, opera-se o prolongamento da vivência no campo, em que sobressaem as questões sobre “o que desenhar”, para singularizar o contexto da lida na pecuária na pampa brasileira. A relação entre o tempo e a criatividade reduplica-se, repetida na pergunta sobre “como fazer o desenho”. O tempo para desenhar aqui, no gabinete, permite explorar tratamentos diversos e mais adequados para tal representação, conforme as possibilidades dos diferentes materiais e técnicas: “É o tempo e a riqueza do tratamento visual que trazem expressividade ao traço” (Rocha, 2022).

Assim, o trabalhar com o acervo fotográfico da pesquisa possibilita “ficar olhando quando e quantas vezes tu quiseres [...]”. Com o tempo, tu podes ficar trabalhando o desenho, podes começar um desenho hoje e deixar na mesa para amanhã terminar” (Rocha, 2022). Deixar o desenho descansar para voltar a olhar, e perceber outros detalhes. Tais dúvidas sobre o que e como desenhar misturam-se, confundem-se, tratando de evidenciar as relações entre áreas da Antropologia e da Arte, destacado pela característica híbrida do desenho etnográfico

A proposição de desenhar o acervo requer uma alfabetização visual, conforme a professora e artista plástica orienta a aprendizagem da antropóloga na técnica do desenho:

Agora tu te preocupas como tu desenhavas, com valores plásticos para fazer o teu trabalho. Valores de luz e sombra, valor de linha, textura... Elementos da linguagem plástica, de uma alfabetização visual. É pegar os valores do desenho junto com o que tu precisas representar (Rocha, 2022).

Nesse sentido, a aprendizagem da técnica do desenho constitui-se, conforme a professora e artista plástica, em resolver problemas, ou melhor, escolher o material, a técnica, trabalhar a mancha, a linha, a textura na busca da criatividade, no tratamento diferenciado dos elementos da figura, e perceber uma melhor composição para o desenho.

Nesse processo, desvela-se uma relação criativa entre a fotografia e o desenho pela transposição da linguagem, pois, em uma fotografia, podem existir vários desenhos, considerando o foco da composição: “Ao escolher a composição, tu não precisas mostrar todos dos elementos da fotografia para mostrar o problema, é foco, é escolher uma janela” (Rocha, 2022). Ao desenhar uma cena campeira, abrem-se as possibilidades de representar o contexto da parceria entre humanos e animais na lida, bem como, a possibilidade de destacar um detalhe da própria cena que nos diz sobre, por exemplo, a territorialização dos animais nos campos dobrados que os particularizam, segundo os campeiros, detentores de uma prática atencional do comportamento animal.

Por intermédio do desenho, a visão é feita imaginação. Atenta-se para as relações ausentes na fotografia, mas que povoam as narrativas dos interlocutores e que, por isso, compõem o repertório das ideias que podem ser desenhadas. O desenho figura como testemunha da experiência, da observação participante (Taussig, 2011). A composição etnográfica opera no deslocamento, no movimento de outras linguagens.

A proposição de desenhar o acervo da pesquisa do Inventário da Lida Campeira trata de desvelar a característica híbrida e processual do conhecimento antropológico em que a relação entre a descrição e a observação se abrem a múltiplas possibilidades. Conforme Rocha e Cervo, “todo e qualquer dado etnográfico é criação e invenção, possuindo um fundo ficcional porque pertence ao campo da linguagem e seus processos de simbolização” (2019: 229). O desenho coloca-se como uma forma de restituição da pesquisa, desvelando a “mística do documento etnográfico” (Taussig, 2011: xi) da criação dedicada ao outro, do sentipensar os diferentes mundos.



Fotografia de Guilherme Santos/Sul 21, autorizada para compor o acervo da pesquisa do INRC Lida Campeira.



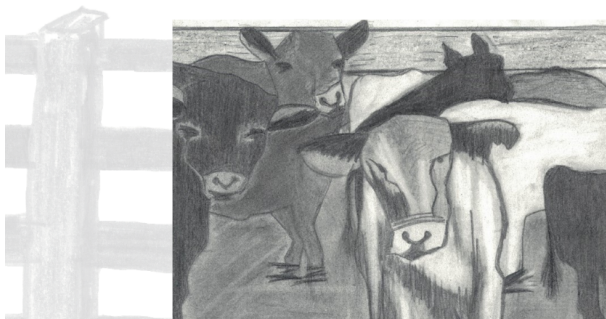
Pastoreio no campo. Desenho produzido em 2023, em papel cartão branco e lápis preto.



Animais no campo. Desenho produzido em 2023, em papel jornal e lápis preto.



Animais no brete. Foto de Luciana Mouring, acervo do INRC Lida Campeira.



Animais no brete. Desenho produzido em 2023, em papel canson branco e lápis preto.

Na experiência da primeira fase da pesquisa, nos campos lisos de Bagé, em diferentes situações de campo, os interlocutores apresentaram os desenhos do Sr. Atilla Sá Siqueira, na época já falecido. Desenhos feitos *in loco*, são representações de cenas dos trabalhos da lida: de uma tropeada, da lida caseira, da doma, do campeiro cortando lenha, materiais que integra o acervo. Seguindo o sentido dessa experiência, compreendo o quanto se desenha para o outro, apresentando-se como uma possibilidade de restituição. Nesse processo, essa reflexão integra-se à proposta de construção do livro do etnógrafo, com base na experiência do BIEV, em que o processo de pesquisa se compõe das aprendizagens etnográficas da pesquisadora junto com a equipe de pesquisa do INRC da Lida Campeira, na experiência da observação participante, e desenhando “aqui”, no gabinete. Essas ações constituem-se na relação com a alteridade.

Desenhando o acervo da pesquisa

A metodologia para inventariar bens patrimoniais de natureza imaterial, de orientação etnográfica, produz reflexão sobre a cultura como patrimônio, operando de forma a registrar e documentar uma tradição viva. Nesse sentido, o INRC é instrumento mediador entre os diferentes grupos sociais, e o Estado opera entre diferentes linguagens. A produção do documento escrito privilegia a oralidade (Guimarães e Antunes, 2006), valendo-se igualmente de “dados” imagéticos para compor o repositório documental da pesquisa, com vistas ao reconhecimento e promoção da salvaguarda das referências culturais desses coletivos.

A pesquisa do Inventário opera em três fases: preliminar, de identificação e de documentação, etapas que apresentam continuidade entre si, por intermédio das seguintes atividades: constituição da equipe interdisciplinar, com ênfase na participação de antropólogos e historiadores; delimitação do sítio da pesquisa e mapeamento das localidades abrangidas pelo trabalho de campo; identificação dos detentores dos saberes e fazeres de referência; levantamento bibliográfico e etnográfico. A primeira etapa da pesquisa, a preliminar, é descrita pelos operadores da política como uma etapa de “varredura” em que se dimensionam as questões implicadas no processo de pesquisa. Voltando-se ao texto INRC – Pecuária Bagé/RS, de Pereira, Rieth & Kosby (2016: 190), tem-se: “Desta forma a proposta de inventariar a pecuária como referência cultural do

pampa² privilegia a relação dos humanos com os animais, para pensar a configuração desta paisagem que também compreende a experiência e é formada pela interação entre os agentes.”.

O processo de pesquisa compreende o preenchimento de formulários, das fichas padronizadas que tratam do registro dos “dados” de campo. Compõem esses documentos: as fichas de contato, que identificam os detentores/interlocutores da pesquisa; as fichas de entrevista, que apresentam a trajetória social e a relação das pessoas com o bem a ser inventariado; as fichas de sítio, que abrangem o contexto da pesquisa; a ficha de levantamento bibliográfico, que busca delinear a história de formação para situar tal tradição; a de audiovisual, onde figuram os dados imagéticos: fotografias, desenhos e vídeos, identificadas as informações sobre data, local, recurso e autoria. São registros documentados que compõem a ficha do bem inventariado que se constrói pela reflexão do conjunto dos “dados” etnográficos. A ficha dos bens a serem registrados detém informações sobre o sítio da pesquisa, a delimitação do território de tal prática, considerando as formas de viver no lugar, a identificação dos diferentes detentores e suas relações com determinada manifestação cultural, as celebrações, as formas de expressão, considerando suas transformações e continuidades históricas e as múltiplas experiências dos sujeitos – dimensões que constroem os sentidos de uma tradição que é vivida. A leitura do Inventário realiza-se pelo conjunto dos documentos, pela articulação entre as fichas que se armam sobre as noções de lugar, os fazeres e os saberes, as formas de expressão, as celebrações e as linguagens, que também orientam a classificação para o registro do bem como patrimônio imaterial.

Neste ponto, atento para a imaginação científica que figura na metodologia do INRC pelo uso que faz desse do instrumento das fichas, observando a “lógica da imaginação da descoberta em continuidade da disciplina da prova”³, fases da pesquisa antropológica, conforme Taussig (2011: xi).

O uso das fichas é procedimento recorrente nos processos de inventários dos patrimônios material e imaterial, conforme Arantes (2008), por constituir conhecimento sistemático, possibilitando a comparação de diferentes realidades sociais. Trata-se de um instrumento “preciso”, “suficientemente sensível e maleável” (p. 173), conforme às

² Em 2016, utilizávamos o pampa, em uma acepção masculina, no sentido corrente de campos naturais. No processo de pesquisa passamos a utilizar a pampa, em uma versão feminina, em referência à relação com a terra, da feição telúrica deste modo de vida.

³ Livre-tradução de: They say Science has two phases: imaginative logic of discovery followed by the harsh discipline of proof.

condições do contexto de heterogeneidade da cultura. Observa-se que as fichas padronizadas e digitalizadas, apresentam-se como suporte adequado à integração dos diversos dados coletados e nelas registrados. A sua adequação efetiva-se na institucionalidade da investigação, aqui posta pela perspectiva de elaboração de um acervo constituído de múltiplos repertórios, valendo-se da contribuição de diferentes pesquisadores e interlocutores, visando às proposições de salvaguarda do patrimônio imaterial. Nesse sentido, Arantes (2008) indica que a pesquisa do INRC se constitui como uma experiência de Antropologia Pública pela aproximação que opera entre as ações de pesquisa e salvaguarda.

Valentini (2017), no texto “O Meio de Ter Ideias Imprevistas: Lévi-Strauss, Fichas e Fichários”, evidencia a imaginação científica que constitui o projeto antropológico de laboratório, em meados do século XX, estruturado na centralidade do fichário-mapa. Uma perspectiva de institucionalização da antropologia, tendo em vista o deslocamento entre o campo e o gabinete, correspondente à divisão de trabalho entre pesquisadores na coleta, registro e análise dos dados de pesquisa.

A imaginação antropológica do laboratório resulta da introdução de um espírito metódico, capaz de delinear áreas culturais etnografadas com base na distribuição geográfica de determinadas manifestações culturais. A autora reporta-se às primeiras ações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, de constituição de arquivos/fichários que propunham identificar compósitos culturais que formam a Nação brasileira. Essa concepção é que inspirou Mario de Andrade que reconheceu a contribuição de pesquisadores estrangeiros, destacadas as figuras de Dina Dreyfus e Lévi-Strauss:

O levantamento operacionalizava, assim, o traço ou o aspecto como uma unidade mínima de compósitos culturais cujo exame suscitava hipóteses sobre sua difusão e sua articulação com outros traços na conformação de áreas culturais de relativa homogeneidade (Valentini, 2017: 31).

Contribuição que experimentava o mapeamento das culturas, almejava a construção de uma história cultural, objetivos reconhecidos por seu “difusionismo estrutural”, seus diálogos teóricos, conforme caracterização de Carneiro da Cunha, que retrata a Antropologia da época (Valentini, 2017).

A reflexão sobre a metodologia do INRC indica a atualização desse imaginário científico por intermédio da centralidade das fichas, agora digitalizadas. Observa-se a potencialidade das mediações que o Inventário opera, em razão da transparência e acessibilidade dos repositórios digitais.

Nesses termos, a experiência da parceria entre o IPHAN e a UFPEL, por intermédio dos cursos de Bacharelado e Pós-Graduação em Antropologia, estabelece os trânsitos entre pesquisa, ensino e extensão. Ao repositório digital do Inventário, somam-se as teses, dissertações, Trabalhos de Conclusão de Cursos, capítulos de livros, trabalhos publicados em eventos, artigos, textos em revistas, apresentações, exposições e ensaios fotográficos, e relatórios técnicos que constam no wp.ufpel.edu.br/lidacampeira/, ação de interlocução e restituição criada em 2016 e, que assumiu relevância maior durante a pandemia do Covid-19, em razão da entrega do Relatório da fase dois, em dezembro de 2021.

O Blog da Lida Campeira/UFPEL reúne um repertório de produções a partir do fichário-institucional do Inventário, onde:

[...] tem etnografado temas diversos, mas relacionados, como a doma de cavalos, o pastoreio com cachorros, o artesanato em lã crua, as relações de gênero na lida campeira, as relações raciais, as relações com o ambiente que são desenvolvidas em pesquisas individuais e coletivas realizadas pelo corpo discente e por pesquisadores parceiros que integram o INRC (INRC Lida Campeira, on-line).

Observa-se que a proposição de desenhar o acervo da pesquisa, compondo parceria com o BIEV, remete à reflexão do conjunto dessas produções, tratando de sublinhar o processo de pesquisa que se iniciou em 2010. Evidencia-se a dimensão da duração na produção da cultura, recolocando a pesquisa do inventário no fluxo das relações temporais que configuram a pecuária na pampa. Nessa proposição, vê-se destacado o deslocamento das linguagens escrita, sonora e visual de forma a inventariar cultura campeira, destacando as relações entre humanos, animais coisas e ambientes na composição dos modos de vida pecuários.

Linhas

Desenhar o acervo documental do Inventário da Lida Campeira nas regiões de Bagé e do Alto Camaquã é experimentar “olhar de novo” para o trabalho de campo, constituindo-se uma forma de habitar esse repositório da pesquisa. É uma ação de restituição aos campeiros que transpõe linguagens, em que o desenho se faz etnográfico ao se orientar pela alteridade.

Desenho para e com o repositório das imagens fotografadas dos modos de vida pecuários é também desenhar as histórias contadas durante a etapa da observação participante. Produção que aproxima as áreas da Antropologia e da Arte, considerando o

como expressar a lida campeira a partir de valores plásticos. E, dessa feita, é perceber as relações que se tecem entre a criatividade científica e o rigor metódico da prova.

Esses desenhos compõem o acervo deste Inventário e, nessa medida, constituem a reflexão das referências culturais como patrimônios.

Referências

- ARANTES, Antonio A. Sobre Inventários e outros instrumentos de salvaguarda do patrimônio cultural intangível: ensaios de antropologia pública. *Anuário Antropológico*, v. 33, n. 1, p. 173-222, 2008.
- AZEVEDO, Aina. Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 5, n. 2, p. 15-32, 2016.
- BISPO, Marcelo S. Impossibilidade da ciência aberta sem alteridade e pluralidade epistêmica. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 26, n. 2, p. 1-7, 2022.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo. São Paulo, UNESP, 2006.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar dos viajantes (Do etnólogo). *Artepensamento: ensaios filosóficos e políticos*, 1988.
- FREIRE, Beatriz M. O inventário e o registro do patrimônio imaterial: novos instrumentos de preservação. *Cadernos de LEPPARQ – Textos de Arqueologia, Antropologia e Patrimônio*, v. 2, n. 3, p. 11-19, Pelotas: EdUFPEL. 2005.
- GOMEZ, Patricia Botero. Sentipensar. In: KOTHARI, Ashish et al. *Pluriverso – Um dicionário do pós-desenvolvimento*. São Paulo: Elefante, 2021. p. 510-513.
- GUIMARÃES, Ana Cristina R. e ANTUNES, Camila S. Repensando uma metodologia: a experiência de aplicação do INRC. *Revista Mosaico Social*, ano 3, n. 2, p. 197-206, 2006.
- INGOLD, Tim. La creatividad que se experiencia. *Innovación e Investigación en Arquitectura y Territorio*. Universidad de Alicante, n. 5. 2016.
- INRC Lida Campeira. *Blog do INRC Lida Campeira*. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/lidacampeira/>. Acesso em: 28 fev. 2022.
- KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 5, n. 2, p. 5-13, 2016.
- LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. *Horizontes Antropológicos*, ano 21, n. 44, p. 37-47. Porto Alegre: EdUFRGS, 2015.
- O REGISTRO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL – *Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial*. Ministério da Cultura/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Fundação Nacional de Artes. Brasília, DF, dez. 2006.
- PEREIRA, Fabíola M.; RIETH, Flávia Maria S.; KOSBY, Marília F. inventário nacional de referências culturais – pecuária/Bagé-RS. In: BEVILAQUA, Ciméa B. e VELDEN, Felipe V. (Orgs.). *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre*

relações entre humanos e animais. Curitiba, EdUFPR; São Carlos, SP, EdUFCar, p. 189-204. 2016.

ROCHA, Ana Luiza C. da e CERVO, Mateus. Antropologia em outras linguagens: experiências com o projeto “o livro do etnógrafo”. *Tessituras – Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 7, n. 2, p. 214-241. Pelotas, RGS: EdUFPEL, 2019.

ROCHA, Malu. *Entrevista concedida à Flávia Rieth*. Gravada. jun. 2022.

TAUSSIG, Michael. I swear I saw this – *drawings in fieldwork notebooks, namely my own*. Chicago: University Press, 2011.

VALENTINI, Luísa. O meio de ter ideias imprevistas: Lévi-Strauss, fichas e fichários. *Campos – Revista de Antropologia*, v. 18, n. 1-2, p. 19-42, 2017.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosac Naify, 2010.